



O JORNALISMO CULTURAL DE FLÁVIO DE CARVALHO NA IMPrensa BRASILEIRA [1928 A 1973]

O Modernismo como Cultura

Gabriel Barros Bordignon

Mestre, professor no UNICERP Centro Universitário do Cerrado Patrocínio – MG
gabrielbbordignon@gmail.com

Luiz Carlos de Laurentiz

Doutor, professor na FAUeD Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da UFU
Universidade Federal de Uberlândia – MG
ludelaurentiz@gmail.com

Resumo:

Flávio de Carvalho (1899-1973) foi artista em quase tudo que sua arte pôde tocar: arquiteto, engenheiro calculista, urbanista, pintor, desenhista, escultor, teatrólogo, cenógrafo, músico, radialista, jornalista, escritor, etnólogo, antropólogo e performista; foi um agitador cultural. Um dos mais notáveis personagens do movimento moderno brasileiro, teve uma obra de grande abrangência e influência no meio cultural do Brasil no século 20. O presente artigo tem suas raízes no Núcleo de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo (NUTHAU) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design (FAUeD) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) dentro da pesquisa 'Arquitetura Moderna no Brasil e sua recepção nas revistas europeias e brasileiras (1945-1960)', coordenada pela professora Maria Beatriz Camargo Cappello. O objetivo do trabalho é apresentar um levantamento da atuação de Flávio de Carvalho no jornalismo cultural brasileiro, analisando suas principais áreas de abrangência, seus interesses e influências, seja em jornais, revistas, periódicos e outras mídias da imprensa desde o final dos anos 1920 até 1973, ano de seu falecimento.

Palavras-chave: Flávio de Carvalho, Jornalismo Cultural, Imprensa Brasileira.

Abstract:

Flávio de Carvalho (1899-1973) was an artist in almost everything that his art could touch: architect, calculating engineer, urbanist, painter, draftsman, sculptor, theatologist, set designer, musician, journalist, writer, ethnologist, anthropologist and performer; was a cultural agitator. One of the most notable characters of the Brazilian modern movement, he had a work of great comprehension and influence in the cultural environment of Brazil in the 20th century. This article has its roots in the Núcleo de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo (NUTHAU) of Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design (FAUeD) of Universidade Federal de Uberlândia (UFU) within the research 'Arquitetura Moderna no Brasil e sua recepção nas revistas europeias e brasileiras (1945-1960)', coordinated by the professor Maria Beatriz Camargo Cappello. The objective of this work is to present a survey of Flávio de Carvalho 's work in Brazilian cultural journalism, analyzing his main areas of interest, his interests and influences, whether in newspapers, magazines, periodicals and other media from the late 1920s until 1973, the year of his death.

Keywords: Flávio de Carvalho, Cultural Journalism, Brazilian Journalism.



O JORNALISMO CULTURAL DE FLÁVIO DE CARVALHO NA IMPRENSA BRASILEIRA [1928 A 1973]

Nascido em 10 de agosto de 1899 na cidade de Amparo da Barra Mansa-RJ, Flávio de Carvalho ingressa, em 1907, na Escola Americana de São Paulo (atual Mackenzie), muda-se para a França, para estudar no Lycée Janson de Sailly, em Paris (1911), e posteriormente para Newcastle, na Inglaterra, onde forma-se engenheiro civil no Armstrong College University of Durham em 1922, ano em que abandona o curso noturno King Edward VII Scholl of Fine Arts e retorna ao Brasil logo após a realização da Semana de Arte Moderna em São Paulo. Flávio esteve, portanto, na Europa, durante toda a Primeira Guerra Mundial, regressando a seu país em um período de grande efervescência cultural.

Ao lado de Gregori Warchavchik¹ e Rino Levi², Flávio de Carvalho foi pioneiro na inserção do pensamento moderno na arquitetura brasileira. É de sua autoria e considerada uma das primeiras manifestações, enquanto projeto, de arquitetura moderna no Brasil. Chamada de *Eficácia*, foi feita para o concurso do Palácio do Governo do Estado de São Paulo em 1927. Sua formação europeia, que possibilitou seu contato com diversas vanguardas artísticas, assim como suas entrevistas com figuras como Le Corbusier, Marinetti, Breton, Picasso, entre outros, fizeram com que Flávio de Carvalho fosse um dos pioneiros do pensamento moderno no Brasil.

Seu pioneirismo, porém, vai além de uma simples “encomenda” europeia. Flávio de Carvalho constrói, em sua vasta produção artística, uma poética que engloba diversas linhas de pensamento, seja o filosófico, de viés nietzschiano, psicanalítico freudiano, tecnológico, antropológico, urbano e, sobretudo, provocador. Destacam-se, dentro dessas produções multifacetadas, as experiências nº2 e nº 3 e o texto *Uma tese curiosa: a cidade do homem nu*³, escrito no contexto de sua aproximação com o grupo antropofágico de Oswald e Mário de Andrade.

Luiz Camillo Osorio (2009) aponta que o experimentalismo e a originalidade de Flávio de Carvalho antecederam, de forma isolada, diversas manifestações culturais nacionais em anos posteriores. Sua obra ainda não tem, contudo, o reconhecimento que deveria ter. Seu pioneirismo é, de certa maneira, “renegado” pela historiografia da arte e da arquitetura brasileiras. Um dos motivos para esse fato, pode ser exatamente por Flávio ter sido uma “alma solitária”, não se engajando por muito tempo em grupos ou temáticas específicas, mas sempre metamorfoseando suas produções, interesses e desejos.

Uma maneira de exemplificar os múltiplos focos da obra de Flávio de Carvalho é através da análise de suas palestras, proferidas ao longo de toda a sua atuação, desde os anos 1930

¹ Arquiteto ucraniano naturalizado brasileiro, foi um dos principais nomes da primeira geração de arquitetos modernos no Brasil, responsável pelo primeiro texto manifesto da arquitetura moderna no país (Acerca da Arquitetura Moderna, 1925) e pela primeira construção com linguagem moderna brasileira (Casa Modernista na Vila Mariana, São Paulo, 1927).

² Contemporâneo de Warchavchik e Carvalho, foi um dos principais expoentes da arquitetura moderna brasileira e pioneiro da chamada escola paulista de arquitetura.

³ A ‘Cidade do Homem Nu’ foi uma concepção de cidade que fazia duras críticas à divisão burguesa de trabalho, às concepções cristãs de família e à propriedade privada. De grande influência do Movimento Antropofágico, o texto planejava uma nova cidade para os trópicos, onde não haveria deus, nem propriedade, nem matrimônio; um urbanismo pensado para uma humanidade despojada da construção cultural do corpo.



até o ano de seu falecimento, 1973. As abordagens não seguem uma linha cronológica ou temática, abrangendo temas como modernidade, antropofagia, psicologia, música, arquitetura, máquina, antropologia, etnografia, pintura, escultura, moda, história e teatro. O artista, portanto, se interessava por temas diversos, sempre sob a ótica da modernidade⁴.

A importância do papel de Flávio de Carvalho na história da arte brasileira, por mais pontual que seja, está relacionada à energia e à inventividade que emanam de sua atitude, e não é camuflada por algum tipo bizarro de culto à personalidade, mas abrem todo um novo universo de experimentação artística nos limites das instituições e práticas tradicionais. Portanto, devemos deixar claro que a sua posição exemplar não apenas vem a nós como um subproduto dos resultados concretos de suas obras – o que também é verdade –, mas, mais importante, do potencial criativo que é gerado por uma atuação audaciosamente plural. (...) A possibilidade de considerar a atitude como forma, nos obriga a reavaliar, sem reducionismo, a própria ideia da obra de arte e os meios de disseminação dentro de contextos culturais específicos. (OSORIO, 2009, p. 10 [tradução dos autores])

Após essa breve apresentação do multi-artista Flávio de Carvalho, o presente artigo pretende investigar sua atuação na imprensa brasileira, abordando os jornais, as revistas e os livros. Pretende-se mostrar os temas trabalhados, os períodos de maior produtividade e seu papel no jornalismo cultural brasileiro. Como sugere Rui Moreira Leite (2004, apud MORESCHI, 2012), “Carvalho não usava a imprensa apenas como veículo de divulgação, mas fazia uso dos meios de comunicação como parte integrante de sua prática artística”.

Para tal catalogação, será utilizada a cronologia proposta por Sérgio Cohn no livro *Revistas de invenção: 100 revistas de cultura do modernismo ao século XXI*, a qual divide os períodos das revistas de cultura em seis tempos: 1) 1922 a 1927: modernidade; 2) 1928 a 1949: reflexão; 3) 1950 a 1968: invenção; 4) 1969 a 1979: alternativa; 5) 1980 a 1999: independência e 6) de 2000 adiante: digital. Flávio de Carvalho é atuante na imprensa brasileira nos períodos de *Reflexão*, *Invenção* e *Alternativa*. O levantamento de sua produção jornalística e literária foi sintetizado em quadros e serão analisados de acordo com a relevância dos temas e contribuições culturais.

JORNAIS

Nos anos 1920, crescia no Brasil um movimento de reforma liberal que tinha como meta a elevação do país em grande potência econômica. Embasado no lema *ordem e progresso*, teve a mídia e a imprensa como fortes armas de divulgação, buscando um imaginário de reforma política e de uma sociedade baseada no direito de propriedade. Os primeiros jornais eram de caráter conservador, mas rapidamente criam-se também periódicos progressistas,

⁴ Algumas de suas comunicações: a cidade do homem nu (1930), antropofagia no século XX (1930), o caráter psicopatológico da obra de Aleijadinho (1930), a pintura do som e a música do espaço (1935), o aspecto psicológico e mórbido da arte moderna (1937), a casa do homem do século XX (1938), a máquina e o homem do século XX (1940), a percepção da criança (1941), notas sobre a cultura Guarani (1943), os problemas da pintura e do pintor do ponto de vista do pintor (1948), a sexualidade do índio (1952), New Look (1956), expedição à Amazônia (1958), notas para a reconstrução de um mundo perdido (1962), desenvolvimento da moda através da história (1964), movimento modernista brasileiro (1966), o bailado do deus morto e os motivos que levam ao abandono de deus (1967), vestuário e trópico (1967), as origens da moda através da história (1968), a dialética da moda (1971), coletiva semana de 22 (1972), coletiva 50 anos da arquitetura moderna (1972).



sendo classificados, segundo Capelato (1989), como governistas ou oposicionistas, o que reforça o importante papel político da imprensa. Dessa forma, os conflitos de interesses e de ideologias se fazem presentes nos jornais da década de 1920, período em que Flávio começa a aparecer na imprensa e a divulgar suas ideias chocantes à sociedade paulistana.

FLÁVIO DE CARVALHO EM JORNAIS

1928 - 1949		Diário Nacional
	1928	Moderniza-se a nossa Arquitetura
		Palácio do Governo a propósito do anteprojeto Eficácia
	1929	O Palácio do Congresso
		Diário da Noite
	1928	O novo Palácio do Governo e o Projeto Modernista
		Em memória das vítimas do hidroavião Santos Dumont
	1929	Os Anteprojetos do Palácio do Governo numa exposição que não dá gosto de ver
		Uma análise da exposição de Tarsila
		Entrevista com Le Corbusier
	1930	Um monumento funerário modernista
		Como os arquitetos modernistas de São Paulo encaram o próximo Congresso Panamericano
		São Paulo, a metrópole de amanhã
		Uma tese curiosa: a cidade do homem nu
	1933	A leitura de algumas cenas de O Homem e o Cavalo será feita hoje anoite pelo sr. Oswald de Andrade
	1946	Nova sugestão para o Paço Municipal
		Diário de Minas
	1928	Um Anteprojeto de Universidade
		O Jornal
	1930	Um monumento modernista que será erguido na necrópole de Araçá
		Estado de Minas
	1930	O ideal antropofágico no IV Congresso Panamericano em visita a Minas
		Os delegados ao IV Congresso Panamericano em visita a Minas
	Jornal do Brasil	
1930	A arquitetura numa concepção audaciosa	
	Correio da Manhã	
1930	O novo ideal do homem	
	Correio da Tarde	
1931	Comemora-se este ano o sétimo centenário da morte de Santo Antônio	
	Correio de São Paulo	
1933	O Bailado do Deus Morto	
	Diário de São Paulo	
1935	Publicação de entrevistas realizadas na Europa em 1934	
1943	Série de artigos Rumo ao Paraguai	
	Diário de São Paulo	
1950 - 1973	1955	Série de artigos Casa Homem Paisagem
	1956	Série de artigos A Paisagem Sorridente
		Série de artigos A Moda e o Novo Homem
	1957	Série de artigos Notas para a reconstrução de um mundo perdido
		Série de artigos Os Gatos de Roma
		Série de artigos Os Estados Unidos que eu vi
	Folha de São Paulo	
1966	Depoimento autobiográfico Novas Ideias do Nu	

Tabela 1: Publicações de Flávio de Carvalho em Jornais em dois períodos.
Fonte: elaboração dos autores.



Talvez o principal contato de Flávio com o público tenha sido através dos jornais. Com predominância dos paulistanos, mas também presente em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, através dos jornais Flávio pode expressar suas opiniões e ideias sobre o novo mundo, o novo homem, o século 20 e também divulgar seus projetos, suas entrevistas, suas viagens e suas pesquisas sobre psicanálise, etnografia, antropologia e moda.

28 a 49

O final dos anos 1920 e início dos anos 1930 foi o período em que Flávio mais escreveu para jornais, de acordo com o levantamento realizado pela presente pesquisa, nos três principais estados do Sudeste. Em seus primeiros anos de atuação como arquiteto, participou de vários concursos e congressos de arquitetura, ampliando a visão moderna que trouxera da Europa e divulgando a mesma na mídia nacional. Percebe-se, no período em questão, que Flávio de Carvalho, principalmente nos primeiros anos como colaborador em jornais, dedica grande parte de sua atuação na imprensa para a divulgação da linguagem moderna na arquitetura, nas artes e à própria ideia de modernidade, afirmando um novo tempo.

O contato dos diferentes profissionais brasileiros, principalmente paulistas, que tiveram sua formação na Europa acabou trazendo para o Brasil diversas influências culturais no início do século XX, entre elas as principais vanguardas. Estas diferentes influências acabaram sendo absorvidas e apropriadas de diferentes formas em nossa cultura, principalmente ao estudarmos os modernistas da Semana de Arte Moderna. Estes artistas e intelectuais transitavam pelas diferentes correntes de vanguarda procurando agregar algumas características próprias de nossa cultura. Assim, algumas classificações que estas produções acabam sofrendo em relação a estas correntes europeias precisam, na verdade, ser compreendidas enquanto absorção brasileira e uma nova apropriação e desenvolvimento a partir das discussões de identidade nacional. (ROSSETTI, 2007, p. 13)

Os primeiros artigos de Flávio apontam, portanto, para um contexto de estabelecimento do pensamento moderno na cultura brasileira, movimento liderado pelos artistas e intelectuais da Semana de Arte Moderna de 1922, como aponta Carolina Rossetti. A aproximação de Flávio de Carvalho com o grupo antropofágico fica evidente no texto *Uma tese curiosa: a cidade do homem nu* (1930), onde é idealizada a cidade para o homem antropofágico do futuro, livre de imposições religiosas, econômicas e sociais, enfatizando suas liberdades individuais. Tais ideias, publicadas em jornais de grande circulação, eram bastante provocadoras para a sociedade conservadora da época. A provocação faz parte da forma de atuação intelectual de Flávio de Carvalho, podendo ser vista em suas produções artísticas ao longo de toda a carreira, e também em sua atuação no jornalismo cultural; pode ser entendida também como o método de propagação e estabelecimento do pensamento moderno no Brasil do início do século XX.

Rossetti (2007) ainda destaca a importância da entrevista de Carvalho com Le Corbusier, durante sua passagem pelo Brasil em 1929. Para a autora, os interesses pelos temas modernos (o novo homem, a estética da máquina, as novas formas de morar, a relação casa-cidade e os novos modos de vida) têm grande influência de sua conversa com o arquiteto franco-suíço, publicada no mesmo ano.



É importante mencionar também as diversas entrevistas realizadas no ano de 1934 em viagem à Europa para congressos de filosofia. De acordo com o catálogo *Flávio de Carvalho: 100 anos de um revolucionário romântico* (1999), curadoria de Denise Mattar, Flávio realiza diversas entrevistas com personalidades das vanguardas artísticas durante a viagem, como Fillippo Marinetti, André Breton, Tristan Tzara, Man Ray, Herbert Read, Ben Nicholson, Barbara Hepworth, Henry Moore, Jiddu Krishnamurti, Pablo Picasso, Salvador Dali, Alberto Giacometti e Jean Helion. Algumas das entrevistas foram publicadas no jornal *Diário de São Paulo* no ano seguinte (1935), não foi possível encontrar, porém, especificidades de todas as conversas realizadas ou em quais outros periódicos podem ter sido divulgadas.

Fica evidente, portanto, que a atuação de Flávio de Carvalho nos jornais nacionais no período de 1928 a 1949, tem grande influência de sua formação europeia, seu contato com as ideias de arquitetura moderna de Le Corbusier e o pensamento das vanguardas artísticas europeias, de forma geral. No entanto, Flávio também buscava situar o Brasil naquele momento histórico de afirmação de um novo tempo na busca por uma identidade nacional, o que se reflete em seu contato com os artistas da Semana de 22 e suas ideias antropofágicas, com pesquisas sobre a cultura indígena e a cultura local.

Em 1943, alguns anos após o período de maior atuação de Flávio nos jornais na busca pelo estabelecimento do pensamento moderno no Brasil, o arquiteto inicia a publicação de várias séries de artigos para o jornal *Diário de São Paulo* com a publicação da série *Rumo ao Paraguai*, onde descreve suas viagens ao país sul-americano. Essas séries continuariam até o ano de 1957, trabalhando diversas temáticas.

50 a 73

Entre os anos 1955 e 1957, o levantamento do presente trabalho aponta algumas séries de artigos escritos por Flávio de Carvalho para o jornal *Diário de São Paulo*, dentre elas: *Casa Homem Paisagem* (1955), *A Paisagem Sorridente* (1956), *A Moda e o Novo Homem* (1956), *Notas para a reconstrução de um mundo perdido* (1957), *Os Gatos de Roma* (1957) e *Os Estados Unidos que eu vi* (1957).

Valeska Freitas (1999), compreende a série *Casa Homem Paisagem* como uma leitura de cidade enquanto “casa do homem”, relacionando os textos com as primeiras discussões sobre a modernidade e os novos modos de vida presentes nas publicações dos anos 1920 e 1930. A série *Os Estados Unidos que eu vi* pode ser relacionada aos relatos de experiências de viagens, como a feita no Paraguai. Já em relação às séries *A Moda e o Novo Homem*, *Notas para a reconstrução de um mundo perdido* e *Os Gatos de Roma*, a autora coloca que Flávio, em uma leitura híbrida, não dualista e pós-moderna, constrói uma visão de cultura feita a partir dos fragmentos da mesma.

A visão pós-moderna desse período de produção cultural de Flávio de Carvalho, proposta por Freitas (1999), está situada em um contexto de mudança de eixo de discussão nos CIAM (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna) no pós-guerra, quando o funcionalismo começa a ser abordado de uma maneira mais ampla, o que ditaria os rumos da produção arquitetônica na Europa e, posteriormente, no Brasil.



A seguir será mostrada a aparição – seja enquanto autor, ou como tema de artigos – de Flávio de Carvalho nas Revistas de Arte, Arquitetura e Cultura no Brasil, sendo utilizada a mesma periodização proposta por Sérgio Cohn.

REVISTAS

O percurso histórico de Flávio de Carvalho é remontado várias vezes por seus estudiosos, pesquisadores científicos, curadores de exposições sobre sua obra, etc. A primeira curiosidade sobre sua historiografia encontrada na presente pesquisa, aparece pela sua ausência no livro/catálogo *Brazil Builds*, uma das primeiras publicações especializadas sobre a arquitetura brasileira. O evidente destaque que esta pesquisa dá ao arquiteto Flávio de Carvalho, contrasta com a identificação de tal ausência neste que foi o principal guia da arquitetura moderna brasileira, lançado em 1943 em forma de catálogo da exposição homônima no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA). Surge, pois, o questionamento sobre as aparições de Flávio nas revistas de cultura do Brasil e o posterior levantamento/catalogação de suas aparições na imprensa.

Acredita-se que tal levantamento seja uma maneira alternativa de se reconstruir a biografia e obra de um dos principais arquitetos modernos do Brasil, preenchendo algumas lacunas de sua história.

O segundo importante passo realizado pela historiografia da arquitetura moderna brasileira, disseminada numa articulação persistente em maior ou menor grau por Goodwin, Mindlin, Bruand e Lemos, parece ter sido o 'apagamento' ou a diminuição de importantes manifestos do início do século XX retomados tardiamente pela historiografia. Muitos deles foram elaborados por diferentes arquitetos, podendo citar dentre os mais importantes os de Rino Levi em seu *A arquitetura e a estética das cidades*, Gregori Warchavchik com *Acerca da arquitetura moderna*, e, finalmente, Flávio de Carvalho com *A cidade do homem nu*, alguns anos mais tarde. (COSTA, 2009)

O artigo trabalha com a hipótese apontada pela pesquisa *Arquitetura Moderna no Brasil e sua recepção nas revistas europeias e brasileiras (1945-1960)* – coordenada pela professora Maria Beatriz Camargo Cappello no Núcleo de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo (NUTHAU) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design (FAUeD) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – de que as revistas têm grande importância na constituição de uma historiografia da arquitetura moderna brasileira através de suas interpretações e posicionamentos, além da divulgação de projetos, obras e ideias. Sobre as revistas especializadas de arquitetura do período moderno, Cappello e Campello (2016) apontam:

São editadas por grupos de intelectuais e artistas, diagramadores, ilustradores e fotógrafos que se aglutinam em torno delas e com elas difundem visões próprias da arquitetura e do urbanismo. Exemplo disso no Brasil são as revistas *Brasil Arquitetura Contemporânea (BAC)*, *Acrópole* e *Módulo*, que pertencem a editores particulares; e no exterior, *L'Architecture d'Aujourd'hui*, *Architectural Review*, *Forum* e *Casabella*. As revistas especializadas podem, também, representar uma entidade social ou econômica, como é o caso das revistas *Brasília* (vinculada à Novacap, órgão responsável pela construção de Brasília), *Arquitetura e Urbanismo* e



Arquitetura (do IAB-RJ), e também da Habitat, que nos seus primeiros anos, quando dirigida pelo casal Bardi, foi um veículo difusor do Museu de Arte de São Paulo. São grupos como esse que lutam para que suas leituras se tornem hegemônicas. (CAPPELLO; CAMPELLO, 2016)

As revistas são, portanto, de grande importância para a historiografia da cultura nacional; foi através delas que surgiram movimentos, se propagaram ideias e ideais, e suas revisões remontam a história do país. Os grupos que formavam e lançavam as revistas se diferenciavam por posicionamento político, círculos sociais e culturais, e regiões do país; mas principalmente por diferenças e concordâncias de ideias. Vários periódicos tiveram como objetivo a propagação da cultura moderna no Brasil do início do século 20; talvez a primeira delas tenha sido a *Klaxon* (1922, São Paulo), organizada por Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Oswald de Andrade, Rubens Borba de Moraes, Luís Aranha, Antônio Carlos Couto de Barros e Tácito de Almeida, surgiu com o objetivo de divulgar as ideias da Semana de 22. Em 1924 é fundada no Rio de Janeiro a revista *Estética*, com estudos e pensamentos críticos sobre o movimento modernista, dirigida por Prudente de Moraes e Sérgio Buarque de Hollanda. Em 1925, em Belo Horizonte, é lançada *A Revista*, seu conteúdo era marcado por um nacionalismo que levava em conta o regional e o universal, sem radicalismos; com direção de Francisco Martins de Almeida e Carlos Drummond de Andrade, e os redatores eram Emílio Moura e Gregoriano Canedo. Importante destacar também as pioneiras *Arco* e *Flexa*⁵ (1928, Salvador) e a *Revista de Antropofagia*⁶ (1928, São Paulo). As primeiras revistas tinham o formato e a linguagem dos livros: com poucas figuras e longos textos, dando ênfase à maior importância do conteúdo e não do formato em si.

Na década de 1950 nota-se uma maior preocupação com a linguagem dos periódicos, com inovações gráficas e de conteúdo. A partir desse momento surgem vários movimentos artístico-culturais que aparecem nas revistas, como a Bossa Nova, o Cinema Novo, a Poesia Concreta, o Tropicalismo, todo esse ambiente no contexto da construção de Brasília. Em meados dos anos 1960 o debate político se intensifica com o golpe militar e o fortalecimento da esquerda. A censura faz surgir a imprensa alternativa e a imprensa de contracultura, que tiveram um importante papel na luta pela abertura política do Brasil⁷.

Dentre essas várias revistas de arquitetura, arte e cultura, Flávio de Carvalho aparece em contribuição a algumas. A primeira foi *O Homem do Povo*, de 1931, onde foi colaborador. Pode-se citar também a revista *Minotaure*, periódico dos surrealistas lançado em 1933, com o qual Flávio tem contato em 1934 em razão das entrevistas que realiza na Europa, se tornando correspondente e representante comercial no Brasil e na América Latina a partir de 1935. O arquiteto foi tema de matérias na revista *Acrópole*, fundada em 1938 e também fundador e editor da *RASM* (Revista Anual do Salão de Maio), com edição única ligada ao catálogo da exposição de 1939. Em 1947, Flávio fez parte da comissão artística na

⁵ Editada por Carvalho Filho, Ramayana de Chevalier, Damasceno Filho, Jonathas Milhomens, De Cavalcanti Freita, José Queiroz Junior, Eurico Alves, Hélio Simões e Pinto de Aguiar; foi a primeira revista filiada ao movimento moderno publicada na Bahia.

⁶ Revista polêmica, divulga em seu primeiro número o Manifesto Antropófago. Dirigida por Alcântara Machado, e Raul Bopp, teve colaboradores como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Murilo Mendes, Pagu e Oswaldo Costa.

⁷ Outras revistas que passam por alguns desses períodos devem ser citadas, como a *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (1937); a paranaense *Joaquim* (1946); a *Diálogo* (1955); a carioca *Senhor* (1959); *Guanabara* (1962); *Realidade* (1966); e *Mirante das Artes* (1967).



fundação da revista *Íris*, uma das primeiras revistas de fotografia do Brasil. Foi também tema de matérias na revista *Habitat*, fundada em 1950 e colaborador do *Suplemento Literário do Estado de São Paulo* (1956), assim como da revista expoente tardio do surrealismo no Brasil, *A Phala*, fundada em 1967.

FLÁVIO DE CARVALHO EM REVISTAS

1928 - 1949	O Homem do Povo	
	1931	Autor do artigo <i>Teatro antigo e moderno</i>
	Minotaure	
	1933	Correspondente e representante comercial no Brasil e na América Latina
	Revista do Arquivo Municipal de São Paulo	
	1938	Autor do artigo <i>A Casa do Homem do Século XX</i>
	Revista Anual do Salão de Maio (RASM)	
	1939	Editor e Autor do artigo <i>Um Plano de Seis Anos</i>
1950 - 1973	Íris	
	1947	Integrante da comissão artística
	Habitat	
	1954	Tema do artigo <i>Os desenhos de Flávio de Carvalho</i>
	1957	Tema do artigo <i>Doze artistas [Flávio de Carvalho, Simon Flexor, Darcí Penteado, Felícia Leirner, Aldo Bonadei, Moussia Pinto Alves, José Antônio da Silva, Mauro Francini, Maria Kareska, Jacques Douchez, Bela Karawaewa e Odetto Guersoni]</i>
		Tema do artigo <i>Desenhos de Flávio de Carvalho</i>
	1958	Tema do artigo <i>New Look para verão em duas peças</i>
	Suplemento Literário do Estado de São Paulo	
	1956	Colaborador
	Acrópole	
1963	Tema do artigo <i>Os Pioneiros da Arquitetura Moderna no Brasil</i>	
A Phala		
1967	Colaborador	

Tabela 2: Atuação de Flávio de Carvalho em Revistas de cultura em dois períodos.

Fonte: elaboração dos autores.

O levantamento da presente pesquisa aponta para uma menor participação de Flávio de Carvalho nas revistas em comparação à sua atuação em jornais. Esse fato pode ser compreendido por dois motivos: a periodicidade e a relação política com o meio midiático.

Os jornais em que Flávio publicava eram periódicos diários, por isso viam-se presentes fatos do cotidiano do meio artístico e arquitetônico, como opiniões sobre exposições, sobre resultados de concursos, sobre participações em eventos, etc. A partir dos anos 1950 Flávio muda seu perfil em publicações nos jornais, escrevendo textos mais longos que eram publicados em partes – foram as chamadas séries de matérias – que apareceram principalmente no Diário de São Paulo. A não ligação direta de Flávio com grupos políticos o fazia circular por vários diferentes jornais, independente se eram governistas ou oposicionistas.

As revistas, por sua vez, eram mídias menos conservadoras que os jornais. A periodicidade não diária permitia que as mesmas produzissem conteúdos mais expressivos que o simples cotidiano; além de serem produções muitas vezes independentes, que davam espaço para autores jovens que não se encaixavam na imprensa tradicional. Por esses motivos acredita-se que as revistas de cultura no Brasil foram meios muito importantes e muito mais livres de se criar e divulgar novas ideias; liberdade que não tira sua relevância política e cultural, visto



que os principais movimentos combativos à ditadura militar dos anos 1960/70 se colocavam em contato com o povo através das revistas.

As temáticas abordadas por Flávio de Carvalho, ou sobre o mesmo, nas revistas de cultura também são variadas, passando por teatro, modernidade, urbanismo, artes plásticas e moda, como apontado a seguir.

28 a 49

Dos primeiros anos, destacam-se duas matérias que, assim como nos jornais, abordam temas relacionados à modernidade, aos novos modos de vida e ao crescimento das cidades, mais especificamente a de São Paulo. *A Casa do Homem do Século XX*, texto publicado na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo* em 1938, se encontra dentro da temática da modernidade e das reflexões de Flávio a respeito do novo tempo, das novas formas de morar. No mesmo ano, o arquiteto finalizava a construção do conjunto de casas da Alameda Lorena em São Paulo, juntamente com o qual publicava um panfleto intitulado *Casas de Aluguel – Modos de Usar*. O panfleto continha informações sobre as construções, sobre o projeto e seus benefícios, telefones para contato e conteúdo propagandístico para divulgação de seu empreendimento. Rossetti (2007) aponta que Flávio acompanhava a evolução e as transformações que a concepção de “casa” estava sofrendo na época; segundo a autora, para Flávio “a casa do século XX é um acessório para auxiliar o homem a viver, enquanto que a casa de tempos idos era mais uma fortaleza para proteger o homem” (CARVALHO, 1938 apud ROSSETTI, 2007).

No ano seguinte, organiza o III Salão de Maio, a partir do qual edita e publica a revista RASM (*Revista Anual do Salão de Maio*). O artigo que Flávio escreve intitula-se *Um plano de seis anos*, no qual aborda o planejamento do desenfreado crescimento da cidade de São Paulo.

Nota-se, portanto que a atuação do arquiteto nas revistas, no primeiro recorte delimitado pela presente pesquisa, aborda temas semelhantes aos trabalhados nos jornais no mesmo período: o estabelecimento de uma cultura moderna no Brasil. Interessante notar que os dois artigos destacados fazem ligação com outras frentes de trabalho de Flávio, como seu empreendimento imobiliário e a exposição que organizara.

50 a 73

No segundo recorte temporal proposto pelo trabalho, não se identifica uma atuação contundente de Flávio de Carvalho nas revistas de arte, arquitetura e cultura. Destacam-se apenas suas aparições na *Habitat*, com a divulgação de seu trabalho como artista plástico e o artigo da revista *Acrópole Os Pioneiros da Arquitetura Moderna no Brasil*, onde é reconhecido como um dos principais expoentes do pensamento moderno na arquitetura do país.

LIVROS

Após as apresentações dos artigos publicados em jornais e revistas por Flávio de Carvalho; é chegada a hora de apresentarmos seus livros. Ao todo são quatro livros escritos e todos eles na década de 30 do século passado. Em nenhum deles, podemos considerar que o



conteúdo seja explicitamente arquitetônico à *l*á Le Corbusier, Walter Gropius, Bruno Taut, dentre outros teóricos escritores sobre arquitetura.

O quadro do Brasil moderno a ser traçado nessa década, visando a reorientação da economia e a reorganização da sociedade, que se mostrava em certas facções desorientadas, principalmente, ao fato de uma ausência de uma classe que suprisse a anterior, a dos cafeicultores, foi pincelado em características norteadoras de um governo ditatorial, cronologicamente, na extensão do período antecedente à decretação do Estado Novo, em 1937.

Walter Zanini (1985) considera esses anos, que se iniciavam pós a crise de 1929, férteis para o campo cultural, apesar dos entraves políticos que chispavam enquanto consequência do período revolucionário de 30. Era a afirmação do modernismo em um meio artístico alargado inclusive na causa social.

O ano de 1931 tem, pelo menos, três aspectos importantes a serem considerados no Brasil moderno e em dois deles, Flávio de Carvalho se destaca para o nosso assunto, aqui, literário.

O primeiro é a tentativa da reforma da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro por Lúcio Costa; o próximo destaque tem a ver com a colocação posta sobre a preocupação social na cultura moderna brasileira; o tablóide *O Homem do Povo* lançado por Oswald de Andrade e Patrícia Galvão (Pagu) foi uma publicação engajada e panfletária. Haja vista, o casal se filiou ao partido comunista brasileiro no mesmo ano de criação da revista. Assim como Flávio escreve em *O Homem do Povo* um artigo sobre *Teatro antigo e moderno*, o nosso *l'enfant terrible* se lança como escritor ao escrever sobre uma experiência (sua) no que hoje se chama de arte da performance – quando atravessa em sentido contrário à uma procissão católica na provinciana São Paulo de 1931.

Para estudar suas hipóteses sobre as transformações emotivas das massas, quando desafiadas em seu fervor religioso; ou os limites entre civilização e barbárie; ou ainda determinar se a força da crença é maior que a força da lei ou do respeito à vida; infiltra-se em uma procissão de *Corpus Christi*, usando um boné de veludo verde e caminha em direção contrária aos fiéis. Experiência de destacado, ainda que, inusitado, planejamento artístico, científico e metodológico.

A reação dos fiéis foi de total descontrole diante da presença e da atitude de Flávio. Entre clamores de linchamento e morte, o arquiteto foi forçado a fugir e se esconder até ser preso pela polícia.

Após o ato, sem nenhum registro físico, escreve seu primeiro livro, chamado *Experiência nº 2, uma possível teoria e uma experiência*, publicado pelos Irmãos Ferraz em 1931. O livro mostra desenhos que relatam, passo a passo, a sua ação e a reação dos fiéis; contém também textos onde o autor faz as análises previamente planejadas, comparando a procissão a uma parada militar, onde Cristo representaria a pátria; e também relatando a falta de individualidade das pessoas diante da doutrina ideológica da igreja.

Abrindo um parêntese listamos que Flávio de Carvalho, três anos depois, escreve um ensaio, até hoje inédito chamado *Mecanismo da Emoção Amorosa*; no mesmo ano escreve a peça *O Homem Desmontável*, também inédita; e ainda o livro, também não publicado, *A Inquietude do Ocidente*.



Em 1934, nosso artista/jornalista faz uma viagem de seis meses à Europa para participar de dois congressos, um de psicotécnica e outro de filosofia, na cidade de Praga, atual República Tcheca. Essa viagem traz fortes influências para sua obra e seu pensamento de mundo, muito pelo contato com movimentos como o expressionismo, o dadaísmo e o surrealismo. Encontra-se com várias personalidades como Herbert Read, Marinetti, Ben Nicholson, Barbara Hepworth, Henry Moore, Krishnamurti, André Breton, Pablo Picasso, Salvador Dali, Man Ray Giacometti, Tristan Tzara, Jean Helion, Roger Caillois, entre outros. Nesse período de viagem e contato com grandes pensadores da arte e da psicanálise, Flávio amadureceu algumas ideias que foram fundamentais para a realização de seu segundo livro: *Os Ossos do Mundo*, publicado pela Editora Ariel após ser recusado pela Editora Nacional, em 1936.

Diga-se, de passagem que... *Os Ossos do Mundo* teve prefácio de Gilberto Freyre e foi encomendado como um livro de impressões de viagem. Quando publicado com seu conteúdo polêmico e suas teses 'discutibilíssimas' segundo Sérgio Milliet; o livro foi um sucesso absoluto de vendas. Sobre o prefácio de Freyre escrito destacamos este trecho lido em Moraes (1986): "pós-modernista legítimo: apareceu depois do modernismo e com outra mensagem", isto é, não desbunda frente à máquina. Segundo Freyre, as opiniões emitidas na obra combinam 'lirismo e senso científico".

No ano seguinte, 1937, após Flávio proferir a palestra *o aspecto psicológico e mórbido da arte moderna* no 1º Salão de Maio de São Paulo, também enviado ao II Congresso de Estética e Ciência da Arte, na Sorbonne, em Paris; o editor Félix Alcan decide publicar tal tese na língua francesa intitulando o texto como *L'aspect Psychologique et Morbide de L'art Moderne*.

O nosso autor só voltaria a publicar outro livro no ano de sua morte, em 1973, quando a Editora Difusão Europeia do Livro publica o seu ensaio inédito *A Origem Animal de Deus* junto da peça teatral, *O Bailado do Deus Morto*. O texto do Bailado foi escrito, originalmente, em 1933, para o Teatro da Experiência e do Clube dos Artistas Modernos naquela provinciana São Paulo da Experiência nº 2 e Daher (1982) escreve que "além de representar um ponto alto do movimento artístico modernista, o Clube incursionou pelo teatro".

Sabe-se que na terceira noite de apresentação da peça – chega a polícia porque a Censura havia proibido o espetáculo sob a acusação da temática ser atentatória aos bons costumes e o teatro foi fechado. Do que trata a peça?

A peça tratava da origem animal de deus, iniciando com a vida de deus pastando entre as feras do mato e os laços afetivos com estas. Mas o deus abandona as feras e as folhagens pelo amor de uma 'mulher inferior, um ser de uma outra espécie'. Depois da civilização, do pecado, desaparece o monstro mitológico e pacato, e aparece o Deus entre os homens; no final, a voz sombria e triste do lamentador diz que 'a psicanálise matou o deus. (CARVALHO, 1933 apud DAHER, 1982)

Nessa alegoria cênica, Nietzsche e Freud se misturam, tal qual, os gestos expressionistas dos atores e atrizes ao som de instrumentos de samba.

Mais uma vez dentro de nosso artigo reaproximamos Flávio de Oswald de Andrade em suas ousadias modernas. Se a peça proibida de Flávio, em 1933, foi publicada quarenta anos



depois durante o período da ditadura pós o golpe civil-militar de 1964; o *Rei da Vela* da dramaturgia oswaldiana também é do mesmo ano do *Bailado* porém só foi encenada em 1968 pela direção de José Celso Martinez Correa à frente do grupo Oficina de São Paulo.

Portanto, lemos e vimos que os anos 30 do século passado foram de intensa atividade jornalística, artística e literária para Flávio de Carvalho. Do lançamento e conteúdo do livro, *Experiência nº 2* adotamos Jacques discursando sobre as deambulações dadaístas e surrealistas da experiência física da errância no espaço real urbano que foi tão base dos manifestos surrealistas quanto à narrativa flaviana descrita e desenhada no livro. Às experiências literárias de *Os Ossos do Mundo* e as cênicas do desejado Teatro da Experiência contida no texto teatral do *Bailado do Deus Morto*, provocativamente ao nosso próprio conhecimento, adotamos Sovik (1994) elencando características da estética pós-moderna: ambiguidade de linguagem; fragmentação; hibridação; carnavalização; alegoria; neodadá e, claro, o moderno surrealismo.

LIVROS DE FLÁVIO DE CARVALHO

1928 - 1973			Irmãos Ferraz
	1931	Experiência nº 2	Editora Ariel
	1936	Os Ossos do Mundo	Félix Alcan
	1938	L'aspect psychologique et morbide de l'art moderne	Editora Difusão
	1933/1973	A origem animal de deus e o bailado do deus morto	

Tabela 3: Livros de Flávio de Carvalho.
Fonte: elaboração dos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vanguardas históricas europeias, antes e depois da primeira guerra mundial, são constituídas de manifestos literários publicados em jornais e revistas específicas sobre a nova ordem estética a que se destina, do futurismo italiano (1909) ao surrealismo (1930), lemos e vemos isso. Tanto pelo lado do denominado projeto construtivo europeu (neoplasticismo e Bauhaus) quanto ao que Ronaldo Brito chama de “anti-arte”, o dadá; as diversas formas de linguagens impressas são destacáveis com o propósito de apresentar e difundir a “nova pedagogia” para se viver e se reconhecer como nova pessoa no novo século. Jornais, revistas e livros fazem parte da escrita dos considerados pioneiros aos arquitetos e artistas modernos estrangeiros.

Este artigo buscou mostrar uma das maneiras de se abordar a história do inquieto, agitado e agitador Flávio de Carvalho, através do levantamento das comunicações do referido artista como jornalista cultural em diferentes formas de imprensa ou organizações midiáticas.

Percebeu-se que Flávio de Carvalho participou de grupos intelectuais da cidade de São Paulo e que suas aparições na imprensa estavam, em certos momentos ligadas a tais grupos, e em outros momentos revelavam seu posicionamento pessoal diante de variados assuntos. Desde o início de sua carreira, Flávio foi caracterizado por seus textos polêmicos e chocantes; muitas vezes propositalmente provocadores à sociedade conservadora paulistana. Nunca foi diretamente ligado a nenhum movimento ou partido político, mas o



conteúdo de seus textos, seus círculos sociais, suas influências artísticas, tudo do que este trabalho levantou, sugere que Flávio era um contestador do caráter predominantemente reacionário da sociedade.

Referências

AMARAL, Araci Abreu. Arte para que?: a preocupação social na arte brasileira, 1930-1970. São Paulo, Nobel, 1984.

BARACHINI, Teresinha. Flávio de Carvalho: procissões urbanas. Anais do Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética, X Edição, 2012.

BRAGA, Marcos da Costa. Flávio de Carvalho: Uma contribuição ao campo arquitetônico brasileiro. Revista Intellectus da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Ano 4, vol 2, Rio de Janeiro – RJ, 2005.

CAPELATO, Maria Helena. Os arautos do liberalismo: imprensa paulista, 1920 – 1945. São Paulo, Brasiliense, 1989.

CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo; CAMPELLO, Maria de Fátima de Mello Barreto. Palavras e imagens impressas: as publicações periódicas especializadas e sua contribuição para a pesquisa em arquitetura e urbanismo. IV ENANPARQ: Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Porto Alegre, julho, 2016.

CHIARELLI, Tadeu. Flávio de Carvalho: questões sobre sua arte de ação. Publicado em Flávio de Carvalho: 100 anos de um revolucionário romântico, curadoria: Denise Mattar. Catálogo da exposição realizada no Centro Cultural Banco do Brasil – RJ, de 5 de agosto a 26 de setembro de 1999, e no Museu de Arte Brasileira da FAAP – SP, de 20 de outubro a 29 de novembro de 1999.

COHN, Sergio [organização]. Revistas de invenção: 100 revistas de cultura do modernismo à atualidade. Rio de Janeiro, Beco do Azougue, 2011.

COSTA, Eduardo Augusto. 'Brazil Builds' e a construção de um moderno na arquitetura brasileira. Dissertação de Mestrado, orientador: Iara Lis Franco Schiavinatto. Universidade Estadual de Campinas, 2009.

DAHER, Luiz Carlos. Flávio de Carvalho: Arquitetura e Expressionismo. São Paulo, Projeto Editores, 1982.

DAHER, Luiz Carlos. Arquitetura e expressionismo: notas sobre a estética do projeto expressionista, o modernismo e Flávio de Carvalho. Dissertação de Mestrado, orientador: Nestor Goulart Reis Filho. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da universidade de São Paulo, 1979.

FREITAS, Valeska. Flávio escritor. Publicado em Flávio de Carvalho: 100 anos de um revolucionário romântico, curadoria: Denise Mattar. Catálogo da exposição realizada no Centro Cultural Banco do Brasil – RJ, de 5 de agosto a 26 de setembro de 1999, e no Museu de Arte Brasileira da FAAP – SP, de 20 de outubro a 29 de novembro de 1999.

GOODWIN, Philip L. Brazil Builds: architecture new and old, 1652 – 1942. Photographs by G. E. Kidder Smith. New York: Museum of Modern Art, 1943.

GREGGIO, Luzia Portinari [curadoria]. Flávio de Carvalho: a revolução modernista no Brasil. Catálogo da exposição realizada no Centro Cultural Banco do Brasil – RJ de 7 de fevereiro a 29 de abril de 2012.

GUERRA, Abílio. O Primitivismo Modernista em Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Raul Bopp. Publicado na Revista Ócullum da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Nº 2, setembro de 1992.

GUERRERO, Inti [curadoria]. A cidade do homem nu: de um 'plano diretor antropofágico' a uma exposição. Catálogo da exposição realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo de 15 de abril a 13 de junho de 2010.

JACQUES, Paola B. Elogio aos errantes. Bahia, EDUFBA, 2012.



LEITE, Rui Moreira. Flávio Carvalho, arquiteto e antropófago. outraspalavras.net/posts/flavio-carvalho-arquiteto-antropofago-e-provocador/ ON 18/08/2014. Acessado em 23/09/2014.

LEITE, Rui Moreira. Flávio de Carvalho: o arquiteto modernista em 3 tempos. Publicado na Revista Óculum da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Nº 2, setembro de 1992.

LEITE, Rui Moreira. Modernismo e Vanguarda: o caso Flávio de Carvalho. Estud. av., vol 12, Nº 33, São Paulo, mai – ago, 1998.

LOTUFO, Flavio Roberto. Processo criativo de Flávio de Carvalho para sua experiência Nº 3. II Encontro de História da Arte – IFCH / UNICAMP, 2006.

MATTAR, Denise [curadoria]. Flávio de Carvalho: 100 anos de um revolucionário romântico. Catálogo da exposição realizada no Centro Cultural Banco do Brasil – RJ, de 5 de agosto a 26 de setembro de 1999, e no Museu de Arte Brasileira da FAAP – SP, de 20 de outubro a 29 de novembro de 1999.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Flávio de Carvalho. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.

MORESCHI, Marcelo. Autodocumentação, arquivo e experiência: o Fundo Flávio de Carvalho / CEDAE. Revista Interfaces, nº 17, vol. 2, jul – dez, 2012.

MOUILLAUD, Maurice. O jornal: da forma ao sentido. Organização: Sérgio Dayrell Porto e Adriano Duarte Rodrigues. Tradução: Sérgio Grossi Porto. Brasília, Paralelo 15, 1997.

OSORIO, Luiz Camillo. Espaços da arte brasileira / Flávio de Carvalho. Cosac Naify, 2009.

ROSSETTI, Carolina Pierrotti. Flávio de Carvalho: questões de arquitetura e urbanismo. Dissertação de Mestrado, USP: Escolha de Engenharia de São Carlos, 2007.

SIMÕES, Giuliana Martins. A experiência moderna em Flávio de Carvalho. 2009.

SOVIK, Liv. Tropicália e a estética pós-moderna. São Paulo, ECA-USP, 1994. xerox

TEÓ, Marcelo. Flávio de Carvalho e a febre do corpo. VI EHA: Encontro de História da Arte, Unicamp; Campinas, 2010.

ZANINI, Walter, org. História Geral da Arte no Brasil. São Paulo, Instituto Walter Moreira Salles, 1983. 2v.

ZANINI, Walter; LEITE, Rui Moreira [curadoria]. Flávio de Carvalho. Catálogo da exposição realizada na 17ª Bienal de São Paulo, no Pavilhão Engenheiro Armando Arruda, no Parque do Ibirapuera, São Paulo – SP de 14 de outubro a 16 de dezembro de 1983.